



**NARRATIVAS DE ESPAÇO:
relatos de viajantes e representações sobre ocupação territorial,
agricultura e meio ambiente**

Diná Schmidt (PIBIC/CNPq-UNIOESTE), Méri Frotscher (Orientadora),
e-mail: meri@rondotec.com.br .

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Ciências Humanas,
Educação e Letras/ Marechal Cândido Rondon, PR.

Ciências Humanas/História

Palavras-chave: literatura de viagem, representação, imperialismo.

Resumo: Nessa comunicação exploraremos o relato do engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Whiter sobre a Província do Paraná, “Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos”. O relato foi redigido durante sua permanência em território paranaense, como membro de uma expedição ferroviária, entre 1872 e 1875. Objetivamos discutir questões teórico-metodológicas pertinentes à análise desta fonte, a partir de reflexões do autor a respeito das práticas agrícolas e sobre as populações residentes nas regiões por ele visitadas. Mostramos como o universo de onde emerge o autor, a Inglaterra imperialista do século XIX, e o campo científico e tecnológico da época influenciam suas leituras. Nos ancoramos no conceito de *representação* desenvolvido por Roger Chartier (1988) e também utilizado por Mary Pratt (1999) em sua análise sobre relatos de viagens produzidos durante quase quatro séculos de expedições às Américas e à África. Mostramos como as críticas feitas por Whiter à população e às suas práticas, tidas como “atrasadas”, representam um conflito entre dois mundos de acentuadas diferenças e, além disso, um posicionamento de supremacia em relação ao outro.

Introdução

Nesse texto apresentaremos um recorte das discussões realizadas e conclusões alcançadas durante nossa pesquisa. A problemática que propomos discutir aqui aborda a forma como Bigg-Whiter se reporta às populações que observou durante seu percurso pela província paranaense entre 1872 e 1875, e as considerações que faz sobre as técnicas agrícolas por elas praticadas. Buscaremos perceber como os pressupostos sócio-culturais que carrega consigo, pautados no universo inglês do século XIX e em seu ofício, dialogam com a realidade com a qual o viajante se depara no interior do Paraná, construindo um universo de representações sobre o cenário observado. Discutiremos quais são esses pressupostos, que



elementos influenciam sua leitura, buscando mostrar como esse universo de representações se constrói ao longo do relato e como produz um conjunto de sentidos na relação entre os dois mundos, presentes no discurso do autor.

Materiais e métodos

A fonte privilegiada é o relato de viagem produzido pelo autor citado, “Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos”, produzido entre 1872 e 1875, período em que percorreu o solo paranaense como membro de uma expedição ferroviária denominada Paraná and Mato Grosso Survey Expedition, responsável por analisar a viabilidade de se construir uma estrada de ferro ligando o Paraná ao Mato Grosso. Serão realizados diálogos com bibliografia relacionada ao tema e à problemática.

Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos, convém esclarecer que pautaremos a análise, prioritariamente, na noção de *representação* desenvolvido por Roger Chartier (1988). Considerando que nossa fonte constitui-se em uma obra literária que tem por objetivo apresentar determinada realidade ao público leitor inglês, por ele desconhecida, por meio de um intermediário, o autor, mostra-se pertinente ler tal obra como um relato sobre alteridades. Cabe a nós, historiadores, apontar como esse texto não é propriamente uma descrição da realidade e sim uma representação sobre ela, pautada nos pontos de vista de seu autor. Nesse sentido, a noção de representação mostra-se perfeitamente cabível:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. *Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.* (CHARTIER, 1988, p.17. Grifo nosso)

Na discussão do relato de viagem enquanto fonte literária, utilizaremos de um diálogo com a autora canadense Mary Pratt, que, em seu livro *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação* (1999), analisa relatos de viajantes que percorreram a África e a América durante os últimos quatro séculos, pautando a discussão sobre o século XIX principalmente na relação entre as expedições estudadas e a política imperialista.

Pautaremos nossa discussão na análise do relato como uma representação produzida em meio aos interesses imperialistas que cercam a figura do viajante explorador.

Resultados e Discussão

Na obra do autor, é perceptível a forma como representa o cenário e práticas da população e os elementos dos quais parte para construir suas



interpretações. Buscamos desconstruir a ideia de uma análise objetiva pretendida pelo autor.

Em fragmento no qual Bigg-Wither se refere à Colônia Teresa, habitada por imigrantes ingleses no interior do Paraná e que não obteve grande êxito, pode-se ler:

Embora o solo fosse muito fértil e o clima propício ao cultivo de frutas e legumes tropicais e temperados, não tentavam cultivar coisa alguma, nem mesmo o necessário à subsistência, como feijão, arroz e milho. Apesar de não terem em que se ocupar durante nove meses do ano, não se via uma horta no lugar [...] Ainda que o leite fosse abundante na colônia, não se conhecia a manteiga. (p.178)

Ao reportar-se às características do solo e do clima daquela região e, partindo disso, para analisar a situação das pessoas que ali viviam, transparece um olhar sobre a paisagem que busca as possibilidades de exploração e os potenciais econômicos. Tais expedições buscavam espaços que pudessem ser integrados ao processo produtivo capitalista que se consolidava na Inglaterra e que buscava se expandir. Imerso neste contexto do expansionismo inglês, o autor-engenheiro avalia o espaço nesse sentido. Pratt, ao analisar relatos produzidos por ingleses nesta época, tanto sobre a América quanto sobre a África, afirma:

(...) esses viajantes do século XIX eram frequentemente enviados para o novo continente por companhias de investidores europeus, como especialistas à procura de recursos exploráveis...(PRATT, 1999, p.253)

Referindo-se aos hábitos de trabalho da população, dizendo que passariam nove meses do ano sem nada fazer, o autor confere à população um caráter indolente e pouco previdente por não produzir sequer para se alimentar. A avaliação feita pelo autor remete a sua concepção de trabalho disciplinado e adaptado ao mundo industrializado inglês. Ela se conforma ao processo de disciplinarização do trabalho em curso na Inglaterra, regulamentado nas grandes cidades pelo relógio e pelas fábricas. Eram ritmos direcionados para a obtenção imediata de lucros, em razão da Revolução Industrial (THOMPSON, 198..). As atividades desenvolvidas pela população no Paraná nesse período, não faz sentido para o autor enquanto trabalho produtivo.

O processo de estabelecimento e desenvolvimento da colônia Santa Teresa não fora bem sucedido. Muitas famílias migraram para outras regiões, novas famílias não se interessavam em residir ali. O comércio era quase nulo, assim como a produção agrícola destinada ao comércio, bastante escassa. Dentre outros motivos, Bigg-Whiter atribui esse fracasso à falta de espírito trabalhador e empreendedor de sua população. Assim, uma região com recursos naturais fartos e potencial de desenvolvimento, segundo o autor, encontrava-se estagnada.



Os elementos discutidos mostram como Bigg-Whiter parte de seu universo para avaliar e representar o que observa, sem levar em consideração as especificidades daquela população e do local onde se encontra. Seu discurso pode ser desconstruído e relativizado, pois se trata de uma representação permeada por determinados preceitos e interesses.

Conclusões

Verifica-se que Bigg-Whiter parte de suas concepções socioculturais, forjadas numa Inglaterra que consolida seu processo de industrialização e que busca expandir-se para outros territórios. Seu discurso possui uma função legitimadora, tanto de sua presença ali, como também da nação que representa. Ao falar deste lugar, confere-se o direito de observar, avaliar e intervir nesse meio, estendendo também esse direito à Inglaterra. As representações por ele construídas demonstram um contato entre dois mundos diferentes. O relato é construído a partir de uma hierarquização entre tais mundos, a qual subordina o Brasil, e não apenas o Paraná, à Inglaterra. O saber técnico do autor lhe dá autoridade para ditar as formas como deveriam se dar esse contato e a sua relação com o ambiente.

Referências

BIGG-WHITER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875.** Rio de Janeiro, José Olympio; Curitiba, UFPR, 1974.

PRATT, Mary. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1988.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras. 1998.